

MA ZÉ!?

Benjamin Mandelbaum 12 janeiro 2000

Quando era jovem em uma machané do Bnei Akiva, do qual eu e meus irmãos fazíamos parte, aprendi uma estória que sempre norteou a minha vida, calcada ainda na conduta exemplarmente discreta de meu pai.

Conta-nos uma parábola que um homem rico certa vez para testar o seu servo, que na verdade era um homem muito sábio, ordenou-lhe que fosse ao mercado, comprar carne no açougue, e que este lhe trouxesse a melhor parte, a mais nobre de todas.

Má zé (o que é isso)? Exclamou o patrão. Para a surpresa do senhor, ao invés das esperadas e consideradas tradicionalmente as mais caras partes, o servo sábio trouxera-lhe a língua. O patrão, não compreendendo, fica indignado diante disto e pergunta-lhe o porque deste procedimento. Prontamente o sábio servo lhe responde que a língua é a mais nobre parte, na medida em que ela é capaz de expressar palavras de reconhecimento, louvor e carinho nas orações perante D's e sua obra, e sendo o ser humano destaque na criação divina, as próprias pessoas poderem trocarem entre si palavras carinhosas em suas falas nobres. Prontamente o patrão entendeu a lição e lhe fez vários elogios, sobre a sua sagacidade e senso de justiça, pelo acatamento de sua ordem.

Embora tivesse ficado satisfeito com a justa resposta o patrão ainda queria testá-lo. Assim, após alguns dias, ordena-lhe mais uma vez a ida ao mercado mas que desta vez lhe trouxesse a pior parte. Assim foi feito. Má zé? Exclamou o rico senhor indignado outra vez, pois, surpreendentemente, da mesma maneira o sábio servo trouxesse-lhe a língua, provocando uma enorme ira por parte do patrão, que ao achar que ele estava lhe desrespeitando e debochando proferiu vários xingamentos e palavrões. O suficiente para que o sábio lhe mostrasse como desta vez a mesma língua que anteriormente amorosa lhe proferira palavras do bem agora se voltava para o mal e que o 'lashon a rá', a tendência para o mal, encontrava o seu canal de expressão através da maledicência, dizer o mal, como nas fofocas, nas intrigas e nas insinuações, nas quais o que existe é um pré-julgamento, com conceitos prévios ou pré-conceitos, tal como o patrão lhe condenara através dos impróprios antes de lhe ouvir.

Tantas as injustiças sofridas pelo nosso povo judeu através dos inúmeros preconceitos havidos fez com que a justiça fosse tão buscada dentro do judaísmo. Sendo considerado o povo da lei com o legado para a humanidade dos 10 mandamentos a atenção ao cumprimento da lei tem formulações básicas, tais como quando houver acusação o ônus da prova ser de quem acusa, pois a princípio deve-se admitir a inocência do acusado, que tem o direito de se defender, pois só findo o julgamento é que realmente pode haver uma justa condenação.

Em vários momentos históricos assistimos e sentimos na nossa pele judaica as campanhas difamatórias movida não só por segmentos populacionais dentro das nações mas até mesmo oficialmente pelos próprios governos com uma conseqüente maior destrutividade. Tais questões me surgiram quando vi perplexamente a campanha difamatória e caluniadora movida contra a nossa congregação buscando atingir a figura do nosso Rabi. Mas, sobretudo, o pior é que ela se originou dentro da própria comunidade judaica em um órgão oficial de uma ala conservadora, comprometendo, portanto, os rabinos (as) que a assinam. Não se trata de negar diferenças de opiniões, ponto de vista, mas sim de tratar de realizar um debate ou até mesmo acusação, se houver, dentro dos nossos procedimentos, na forma da lei, a judaica e a laica, de forma respeitosa e não tão arditosamente armada através de quadrinhos mal feitos, comprometendo inclusive o sadio humor judaico.

Além da tão comum difamação anti-semita da cobiça pelo dinheiro os quadrinhos utilizam objetos sagrados como o Talit, além de uma nítida conotação sexista contra a mulher retratando-a com rabo animal. Uma coisa é discordar da interpretação do uso do Talit, da liturgia ou sobre o lugar contemporâneo que a mulher ocupa, outra é o nítido desrespeito travestido de humor.

Lembremos apenas que nosso santo Baal Shem Tov quando afirmou em sua prática que o caminho divino é direto, sem intermediários, simplesmente abrindo-se as portas do coração, trazendo consigo os simples de alma, restituindo-lhes a dignidade, também foi atacado e ameaçado pelos que temiam perder o poder de intermediar.

“Am Israel, chaverim anachnu. Má zé !?”.